

LICENÇA CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



DO LIVRO ARTESANAL CASA DE PAPEL, DE GLAUCIA DE SOUZA, AO LIVRO INDUSTRIAL AVOADA, DE MARILIA PIRILLO: CASAS PARA MORAR E BRINCAR

FROM THE CRAFT BOOK CASA DE PAPEL, BY GLAUCIA DE SOUZA, TO
THE INDUSTRIAL BOOK AVOADA, BY MARILIA PIRILLO: HOUSES
TO LIVE AND PLAY IN

DEL LIBRO ARTESANAL CASA DE PAPEL, DE GLAUCIA DE SOUZA, AL
LIBRO INDUSTRIAL AVOADA, DE MARILIA PIRILLO: CASAS
PARA VIVIR Y JUGAR

Eliane Santana Dias Debus¹

¹Doutora em Linguística e Letras pela PUC/RS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo: O presente artigo traz à cena os livros brasileiros para infância Casa de papel, de Gláucia de Souza (2017), e Avoada, de Marília Pirillo (2014), buscando analisar os aspectos brincantes de suas feitura. O primeiro é marcado pela construção manual, edição comemorativa aos 20 anos de carreira literária, e o segundo, embora marcado pela construção industrial, apresenta estrutura dobrável, em forma de sanfona. O projeto gráfico-editorial de ambos os livros, alvos da análise, são originais e criativos, distanciando-se, de certo modo, da estrutura mercadológica dos livros para infância. Pela elaboração original, como objeto manuseável, a potência comunicativa do livro se amplia, expandindo, por certo, os horizontes do leitor.

Palavras-chave: Livro artesanal; Livro industrial; Literatura; Infância.

Abstract: This article presents the Brazilian children's books Casa de papel, by Gláucia de Souza (2017), and Avoada, by Marília Pirillo (2014), seeking to analyze the playful aspects of their respective works. The first book is hand-crafted, as a commemorative edition of the author's twenty-year literary career, and the second, although mass-produced, has a folding, concertina-like structure. The graphic-editorial designs of both books are original and creative, moving away, to some extent, from the usual marketing structure of books for children. Through their original design, as objects that can be handled, the communicative power of the books is expanded, broadening the reader's horizons.

Keywords: Craft book; Industrial book; Literature; Childhood.





Resumen: El artículo trae a la escena los libros brasileños para la infancia *Casa de papel*, de Gláucia de Souza (2017), y *Avoada*, de Marília Pirillo (2014), buscando analizar los aspectos bromeantes de sus hechuras. El primero marcado por la construcción manual, edición conmemorativa a los veinte años de carrera literaria, y el segundo, aunque marcado por la construcción industrial, presenta estructura plegable, en forma de concertina. El proyecto gráfico-editorial de ambos libros, blancos del análisis, son originales y creativos, distanciándose de cierto modo de la estructura mercadológica de los libros para la infancia. Por la elaboración original, como objeto manejable, la potencia comunicativa del libro se amplía, ampliando, por cierto, los horizontes del lector.

Palabras clave: Libro artesanal; Libro industrial; Literatura; Infancia.

Abrindo portas e janelas: introdução

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeí um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar. (BOJUNGA, 2001, p. 7)

A escolha do texto-memória de Lygia Bojunga (2001) para abertura deste artigo não ocorre de forma aleatória, integra-se à ideia metafórica do livro para criança como casa, guarida, lugar de repouso e descanso. Extrapolando a figura de linguagem, muitos autores desejaram cumprir essa máxima, ou seja, como a promessa desejanete de Monteiro Lobato que confessava que acabaria “fazendo livros em que nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’Os Filhos do Capitão Grant” (LOBATO, 1951, p. 195). Mas seria somente pelo caminho da linguagem verbal e linguagem visual que tal desejo se concretizaria?



Primeiro poderíamos pensar no livro literário, composto de texto e ilustração (pensando aqui o livro para infância) como construção ficcionalizada, que em sua feitura traz elementos que buscam atrair o leitor pela linguagem verbal e a linguagem visual, construindo personagens em espaço/tempo outro, mais ao mesmo tempo próximo daquele que lê. Por outro lado, o livro como construção material, em sua feitura, traz elementos outros que também objetivam seduzir o leitor, como o tipo e a gramatura do papel, o tipo e tamanho das letras e a sua disposição no espaço da página, além de outros dispositivos gráficos. Esses dispositivos de feitura¹ (texto, ilustração e materialidade) exercem, cada qual a seu modo, um poder de sedução sobre o leitor que é convidado a se debruçar sobre o livro.

Pensar essa relação entre a construção textual e visual e a construção física do objeto livro em interação com práticas leitoras faz-se fundamental quando o foco recai na formação dos leitores. Parece-nos que o primeiro dispositivo tem sido alvo de interesse de pesquisadores que procuram compreender as relações entre os leitores e o texto, entre eles podemos citar: Umberto Eco (2003), quando destaca que o texto é uma “máquina preguiçosa” que precisa do leitor para ser acionada, ou seja, no texto estão os artefatos pelos quais são possibilitados os encontros (autor/texto/leitor); ou Antonio Candido (1995), quando acolhe a literatura como direito de todos, em particular pelos seus aspectos de enternecimento das relações, pelo seu poder de humanização.

Por seu turno, o dispositivo da feitura do objeto livro (aspectos da materialidade) nos parece pouco estudado no Brasil, no que diz respeito à sedução para a leitura de crianças e jovens, a qual tem início gradativo na década de 1980, se estende na década de 1990 e se concretiza no final do século XX, início do século XXI. Talvez a vagariedade acerca dos estudos em nosso país se deva à existência da construção do livro no formato brochura, ou seja, os livros nacionais tinham o acabamento em capa mole e colados ou grampeados ao dorso.

No Brasil, a partir de estudos de diferentes origens, várias terminologias têm sido adotadas quando se faz referência aos livros portadores de uma estética diversa na sua construção. Desse modo, este artigo busca evidenciar a composição desses livros – adentrando no estudo das possíveis tipologias – e a sua importância na formação iniciática do leitor, nas suas primeiras cerimônias de apropriação da leitura (DEBUS, 2016). Assim, com o objetivo de exemplificar o aspecto lúdico desse tipo de material e sua contribuição para a práxis educativa, apresentamos a análise dos títulos *Casa de papel*, de Gláucia de Souza (2017), e *Avoada*, de Marília Pirillo (2014), buscando refletir sobre os aspectos brincantes de suas feitura. O primeiro livro é marcado pela construção manual, confeccionado totalmente de forma artesanal, já o segundo, embora marcado pela construção industrial, apresenta estrutura sanfonada.

O critério de escolha dos dois exemplares está vinculado à estrutura diferenciada que apresentam e a constância de publicação de ambas as autoras. O livro de Souza (2017), publicação recente, é uma proposta de edição comemorativa dos 20 anos de carreira profissional da escritora, feito a mão, um a um; a obra de Pirillo (2014), de confecção industrial e de produção em série, recebeu em 2015 o Selo Altamente Recomendável da





Fundação Nacional do Livro Infantil² (FNLIJ), na categoria Livro de imagem, referente à produção de 2014.

Da base aos tijolos: investigado tipologias – senão para rotular, para demarcar possíveis hibridizações

Os livros contemporâneos para infância que circulam no mercado editorial, independente do contexto geográfico-cultural, estão sob a égide da atualização tecnológica que permite a impressão em diferentes tipos de papéis; o barateamento do material; a impressão colorida, tridimensional; entre outros, fazendo com que uma variedade de objetos livros se tornem livro-objeto, ou seja, o livro não obedece mais a regras fechadas em sua construção (seja tamanho, formato, disposição do texto na páginas, entre outros).

No entanto, pela meninice desse novo tipo de artefato, podemos dizer que as tipologias do seu entorno estão em construção, ou, até mesmo, que alguns exemplares, por vezes, levam-nos a crer na impossibilidade de nomeá-los, devido a sua hibridização, daí a maleabilidade na sua conceituação. Ana Margarida Ramos (2017, p. 15), a partir do contexto europeu, observa que as fronteiras entre os livro-álbum e o livro-objeto cada vez mais se desfazem, como “resultado do investimento criativo”.

Algo é fato, estamos falando de livros que na sua construção estética são eivados de ludicidade e exigem do leitor um dar-se ao objeto, mover partes desdobráveis, ocultas, como se segredos houvesse a cada virar de páginas e fossem revelados pelas mãos, ler pelos sentidos!!! Leitor e livro se integram e se interagem, transformando os protocolos de leitura, segundo Paiva (2013), o mercado editorial ativo se reorganiza para atender às demandas culturais desse leitor ativo.

Desse modo, o levantamento de algumas nomeações/possíveis tipologias não busca engessar em categorias rígidas, mas refletir sobre o crescente aumento por essa ramificação de estudo. Livro-vivo, livro-brinquedo e livro-objeto são algumas tipologias que trazemos para discutirmos esse artefato novo que exige do leitor uma cumplicidade e com ele pode realizar travessuras brincantes.

O **livro-vivo** é uma expressão cunhada pelo estudioso francês Jean Perrot (2002, p. 35-34; 36), que, ao pesquisar as estruturas de uma mostra significativa de livros europeus e norte-americanos, os assim denominou por suas estruturas que “realçam e estimulam o gosto pela leitura, por prenderem o leitor ao prazer do mundo encantado das ‘surpresas literárias’”, e que seu uso, desvinculado das atividades da escola, provoca uma “desdramatização do ato de ler”.

A vivacidade desses livros se configura pela sua arquitetura com estruturas móveis, com abas que se levantam, trazem à cena personagens e objetos: molas, dobras, papéis



cartonados e resistentes, imagens em alto relevo são algumas das possibilidades e artimanhas na confecção desses livros que se tornam “ferramentas” lúdicas que auxiliam na mediação entre leitor e livro, possibilitando ao leitor “deslizar” pelo prazer do texto.

O **livro-brinquedo** é uma categoria recente no Brasil, principalmente pelo pouco recurso do parque gráfico, sua existência se devia ao mercado de importação. No entanto, na década de 1980, vamos ter alguns ensaios artesanais com as produções dos livros de pano fabricados por Isis e Valéria Gomes (*Noquinha, Neneca Peteca e Auau Lambão*) e da pesquisadora Lúcia Pimentel Góes (2003), que, juntamente com sua filha Alice, apresentou pela editora Saxônia os livros de madeira (*Patota animalda* e *O ir*). A inserção nas capas dos livros infantis, segundo Paiva (2013), começou entre os anos de 2009 e 2010, mas desde 1998 a FNLIJ³ inseriu em suas categorias de premiação o livro-brinquedo.

Em sua tese de doutorado *Um livro pode ser tudo e nada: especificidades do livro-brinquedo*, Ana Paula Paiva (2013) afirma que os livros brinquedos se distanciam dos demais pelo grau de elaboração estética que promove a interação entre o leitor e o objeto devido as suas características sensoriais e brincantes:

O livro-brinquedo, suporte que se caracteriza pelo menos estrategicamente pelo divertimento acionado na expectativa materializada da obra que pula, dobra, escreve, apaga, gira, cheira, monta, desmonta, sobe, desce, estica, dimensiona, movimenta etc., provoca uma desmistificação do livro que fica na mão do professor na hora da leitura, ao convidar o leitor a uma apreciação manuseada, autônoma – que provocaria sentido –, afastada do distanciamento, da restrição, ora da reverência ao formal e de uma obrigatoriedade da leitura de seguimento linear. (PAIVA, 2013, p. 31).

Num primeiro momento, acreditamos que o **livro-objeto** foi vinculado ao livro de artista, ou seja, aquele que é idealizado e feito pelo autor/artista, fugindo ao padrão específico das convenções e manipulações e, muitas vezes, tendo como característica o exemplar único. Porém, a reflexão sobre categoria para o campo do livro industrial em série vem se intensificando. Sophie Van der Linden (2007) evidencia-o pela hibridização, “situado entre o livro e o brinquedo”. Ana Paula Paiva (2013, p. 76) aproxima-o do livro brinquedo pela “vocação experimental” de ambos, “além de um lugar de transição de uso, com função de entreter, alegrar, levar à ação e ao conhecimento, pela plasticidade gráfica e artística, performance e tecnologias adaptadas a usos de interagir e brincar”. Ou, como destaca Biagio D’Angelo (2006, p. 36), “a verdadeira inovação do livro-objeto está na quebra de paradigmas das normativas do livro e da narração: novas possibilidades de articulação do material, novas informações, rejuvenescimento das capacidades linguísticas”.

No entanto, as fronteiras, como já destacou D’Angelo (2006), “são limites imaginários” e que, muitas vezes, servem mais para reduzir do que para potencializar nosso olhar sobre esse novo objeto. Dessa maneira, os livros que apresentamos na próxima seção, por sua estrutura, qualificam-se e ocupam um lugar mais alargado do que os livros comumente encontrados nas livrarias para infância e juventude.





Duas habitações a chamar para brincadeira

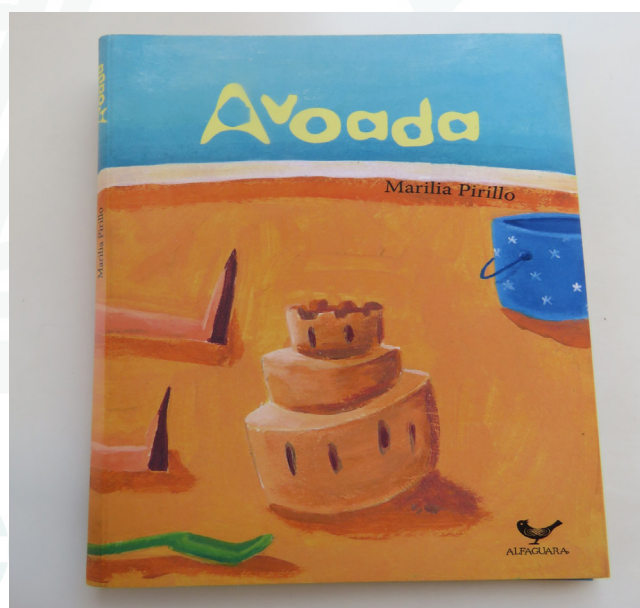
Esta seção do texto apresenta os dois livros, não deixando de apresentar suas criadoras e o que as levaram a compô-los dentro do circuito de livros comerciais. Para além da análise dos livros, a composição do dizer está entrelaçada com entrevista, gravada e transcrita, realizada com ambas as autoras em abril de 2018.

De castelos de (na) areia

Marília Pirillo nasceu em 1969 na cidade de Porto Alegre e mora no Rio de Janeiro há 15 anos; é formada em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Inicia sua vida profissional como ilustradora para editoras gaúchas, ficando o trabalho regionalmente circunscrito. O primeiro livro que ilustrou foi *Zerinho foge de casa*, da escritora gaúcha Iria Müller Poças, em 1997. Já a carreira como escritora inicia no Rio de Janeiro a partir de oficinas literárias, primeiro com o escritor Julio Emílio Braz e depois com a escritora Anna Claudia Ramos. Sua primeira publicação como escritora foi o juvenil *Baratinada*, da Editora Biruta, em 2008. Atualmente, tem 12 títulos como escritora e 49 como ilustradora.

Segundo a autora, a ideia do livro *Avoada* (2014) surge quando da realização de uma oficina sobre cores com a ilustradora argentina Rebeca Luciani. A proposta final era criar, a partir de uma tira em forma de sanfona, uma narrativa. Ela então faz a última dobra ao contrário, o que traz ao projeto uma capa e a aparência inicial de um livro comum, em formato de códex (com lombada onde tem o título e o nome da autora) (Imagem 1).

IMAGEM 1 – CAPA DO LIVRO *AVOADA*, DE MARÍLIA PIRILLO



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL ZECA DEBUS.

Sua publicação se deu pela editora Alfabuara/Objetiva em um momento de escolha de títulos para concorrer ao edital o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e,



embora não tenha sido contemplado pelo Programa, sua edição foi bem aceita pelo público. Atualmente, o livro está sob a chancela da Editora Companhia das Letrinhas, que comprou a Objetiva/Alfaguara.

Avoada, de Marília Pirillo (2014), é um livro singular no que se refere à estrutura física, pois não segue a confecção padrão de um objeto livro. Ele tem o formato sanfona (oito dobras) nas dimensões de 20cm x 13,5cm fechado, e 20cm x 108cm aberto. Categorizado como “História sem palavras” pelo setor biblioteconômico, pela FNLIJ como Livro de imagem, ao receber o Selo Altamente Recomendável nesta categoria em 2015. O que poderíamos denominar de livro-álbum exclusivamente de imagem (MATTOS, 2017) ou Livro-álbum sem palavras (GONZALES, 2017).

A narrativa efetiva-se pelas imagens que, embora seguindo uma sequencialidade ao total de suas 17 dobras/sanfona, pode ser lida separadamente, pois a visualização se dá pela frente e verso.

Os elementos da narratologia se constituem pela personagem protagonista – uma menina que brinca em dois espaços determinados: a praia e a floresta; o tempo entre os dois espaços se diluem pelo poder mágico da varinha de condão, inicialmente um pedaço de graveto na mão infantil. Por sua vez, a narrativa dialoga com objetos e seres do mundo feérico (o graveto/varinha de condão; a menina/fada; a borboleta/metamorfose; o castelo de areia/castelo de sonhos).

Denominado pela autora como livro Sanfona (Imagem 2 e 3), pela sua constituição material, o livro pode ser também denominado como “livro acordeom”, “pôster desdobrável” ou “obra pictórica de dupla face”, seguindo análise de Isabel Mociño Gonzales (2017) sobre livro *Balea*, dos ilustradores Federico Fernández e Germán Gonzalez, que segue o mesmo formato.

IMAGEM 2 - “LIVRO SANFONA” AVOADA: FRENTE



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL ZECA DEBUS.

IMAGEM 3 - “LIVRO SANFONA” AVOADA: VERSO



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL ZECA DEBUS.



No que diz respeito à materialidade e ao uso, a linearidade e a sequencialidade de abertura do livro da direita para a esquerda se desfazem. A primeira pergunta provável do leitor ao manusear *Avoada* (2014) será: sobre qual o percurso deverá tomar para a sua leitura? Quais os protocolos para ler um objeto-livro que se torna livro-objeto?

Sobre a aceitação do público, a autora relata que o livro tem uma boa recepção, em particular com os pequeninos: quando o leva para crianças de berçário, elas interagem positivamente, enquanto vai mostrando as gravuras busca acionar a continuidade da narrativa por meio da apresentação das personagens e das cenas, bem com a partir de questionamentos e, após a apresentação da narrativa, deixa as crianças manusearem o objeto. Para os leitores maiores, ela os incentiva que sejam os narradores, tornando-se, assim, os autores da narrativa. As crianças denominam de “Mundo encantado da fada borboleta”, pois a menina se metamorfoseia em borboleta, criando asas.

De casas de (no) papel

Gláucia de Souza nasceu no Rio de Janeiro em 1966, lá fez sua formação básica, licenciou-se no curso de Letras, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987) e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1995). Residindo em Porto Alegre (RS) a partir de 1994, fez Especialização em Literatura Infantil pela PUC/RS (1998) e Doutorado em Letras (2006) na mesma Instituição. Nessa cidade atuou até 2016 como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando se aposentou. Atualmente tem atuado intensivamente como escritora e mediadora literária, junto a Projetos de Leitura no Rio Grande do Sul, em particular na grande Porto Alegre, como “Lendo para valer”, “Adote um escritor”, “Livro Lido”.

Como escritora começa seu processo muito cedo, já em 1991, aos 25 anos, foi finalista do Prêmio Bienal Nestlé, com o original *Catirina e a Piscina*, publicado em livro em 2007 pela editora FDT. Seu primeiro livro foi publicado data de 1997, *Saco de Mafagafos*, pela chancela da Editora Projeto, de lá para cá totalizam 22 títulos, em sua maioria circunscrito editorialmente para o público infantil e juvenil. Sem as amarras comerciais, podemos dizer que sua produção acolhe todos os leitores (apreciadores) da palavra poética.

Para a autora, a palavra poética e as imagens sempre lhe provocaram para a criação/escrita: “*Processo de criação a partir da imagem*”, “*De certa forma eu sempre pensei o poema, o livro ‘dito’ infantil e juvenil como um híbrido entre as artes: música, imagem, isso de certa forma eu fui buscando para os diferentes livros, fui buscando diferentes caminhos*”⁴.

O livro *Casa de papel*, de Gláucia de Souza (2017), é uma edição comemorativa aos 20 anos de carreira da autora, produzido artesanalmente e tem uma tiragem até o momento de 55 exemplares, sendo desejo da autora de chegar ao total de 70. Aparentemente, a



estrutura de um livro “normal”/regular/comum, que cabe nas mãos dos pequeninhos. No entanto, ao nos aproximarmos dos elementos constitutivos do livro, sem sombra de dúvidas, traz as marcas da singularidade pela sua confecção artesanal, próximo do livro de artista (objeto único).

O livro tem dimensões de 17cm x 12cm e é composto de três cadernos costurados entre si e interligados a uma capa de papelão; a capa é revestida com colagens de papéis coloridos e de diferentes texturas e gramaturas, que são unidas por tiras de couro que resultam na lombada, resultando numa belíssima encadernação artesanal de plasticidade e construção gráfica única. Segundo a autora, “cada elemento que compõe cada exemplar possui uma história própria, pois foram coletados (alguns comprados) em diferentes épocas, selecionados de modo a terem certa unidade de conjunto/tiragem e, também, unidade enquanto exemplar único”⁵.

IMAGEM 4 - CAPA LIVRO *CASAS DE PAPEL*: N. 1



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL DE GLÁUCIA DE SOUZA.

IMAGEM 5 - CAPA LIVRO *CASAS DE PAPEL*: N. 29



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL DE ZECA DEBUS.

Na Imagem 4, temos a capa do exemplar número 1, pertencente a Gláucia de Souza, e na Imagem 5, apresentamos o exemplar 29 de posse da pesquisadora, neles constatamos a variedade nos recortes dos papéis e gravuras utilizadas, bem como a textura desses papéis que compõem as colagens. Em uma capam encontramos pedaços de rendas, recortes de figuras de soldadinhos de chumbo e de textos manuscritos; em outra, pregadas na textura rugosa do papel, florezinhas miúdas que saltam de embrulhos antigos, restos de papéis, segundo a autora, recolhidos e guardados com

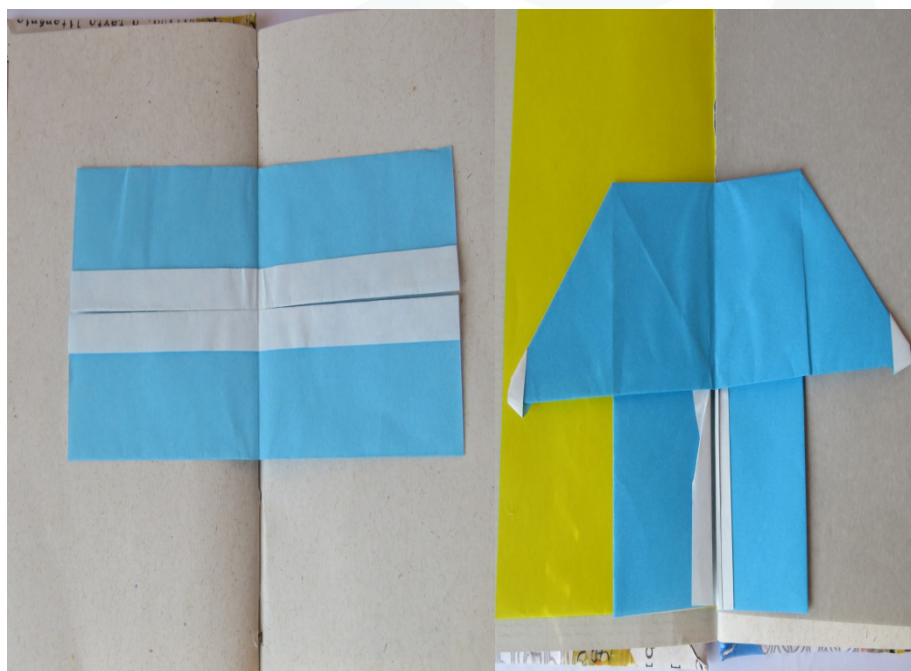




afeto, lembranças de embrulhos de presentes ao longo de uma vida, feitura de memória que se tece ao longo da produção.

As páginas internas – o miolo –, cujos poemas estão digitados, são de papel reciclado, na folha de rosto temos a dobradura de uma casa, e cada caderno é interligado com partes da dobradura de uma casa, como se ela estivesse sendo montada passo a passo (Imagem 6).

IMAGEM 6 – MIOLO: DOBRADURA DA CASA



FONTE: FOTOGRAFIA DO ORIGINAL ZECA DEBUS.

O livro é composto de 42 poemas impressos em impressora doméstica e resultam no que a autora denomina de “resgate de memória”, uma retrospectiva profissional dos trabalhos realizados anteriormente: “*Os poemas são, em sua maioria, de um original que tem o mesmo título do livro feito à mão. Mas acrescentei poemas criados em diferentes épocas, retirei outros, para, finalmente, fechar em um conjunto de falasse sobre ‘livro’, ‘escrita’, ‘leitura’, ‘criação’*”⁶.

Desde 2013, Gláucia de Souza tem cursado O Atelier Livre Xico Stockinger da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, onde fez cursos de encadernação, aprendizagens que tiveram importante papel na construção do livro *Casa de papel* (2017).

Talvez o germen estivesse em *Meninos e meninas*⁷, que surge nos anos de 1990, ainda no Rio, quando fez um curso de Origami, com a origamista Márcia Block. Depois a especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação no SENAC/RS e no doutorado na PUC/RS, quando aluna da Vera Teixeira Aguiar. Ela aponta a ideia do fazer a mão a partir da livro de Ligia Bojunga Nunes *Feito a mão*, que, à época, devido às atividades profissionais, não teve condições de dar continuidade à proposta, retomando em 2013 e com mais convicção em 2016, a partir de uma conversa com a ilustradora brasileira Rosinha, sobre as mudanças no mercado editorial, a partir da situação política e econômica que



influenciou na suspensão de editais de compras do governo, como o PNBE, entre outros, bem como o “*fechamento de editoras, redução sensível dos títulos publicados, opção pela tradução de livros já prontos, desânimo dos profissionais envolvidos na feitura dos livros (escritores, ilustradores, editores...) etc.*” e exigia dos profissionais do livro uma reinvenção do seu fazer.

Para a autora, em entrevista realizada em abril de 2018, *Casa de Papel* foi um ato de reinvenção:

Decidi então fazer uma tiragem à mão que tivesse tudo o que um livro reproduzido em gráfica tem: ficha catalográfica, ISBN, apresentação do autor... Mas, ao mesmo tempo, fosse artesanal. Feito uma a uma. Como a dizer que precisamos criar, precisamos fazer nossos livros, mesmo que, no atual momento político-econômico isso nos exija reinvenções.

Após a publicação do livro, Gláucia de Souza tem participado de algumas ações, como a Feira Gráfica Papelera, as quais lhe levaram a retomar o exercício artesanal de *Meninos e Meninas* (Imagem 7).

IMAGEM 7 – LIVRO MENINOS E MENINAS, DE GLÁUCIA DE SOUZA



FONTE: <[HTTP://NINHODEMAFAGAFOSBLOG.BLOGSPOT.PT/](http://ninhodemafagafosblog.blogspot.pt/)>.

Assim, a construção artesanal do livro se espalhou para outros trabalhos da autora, que com dobras e dobraduras vai construindo o seu dizer.



Fechando janelas e portas, para em breve abri-las: das conclusões

O projeto gráfico-editorial de ambos os livros, alvos desta análise, é original e criativo pelas suas técnicas e estratégias mistas, distanciando-se, de certo modo, da estrutura mercadológica dos livros para infância. Pela elaboração original, como objeto manuseável, a potência comunicativa do livro se amplia; expandindo, de fato, os horizontes de expectativas do leitor.

Demarca a feitura dos dois livros o elemento surpresa: um pela estrutura sanfonada, que foge ao padrão usual do objeto-livro, e outro pelos materiais utilizados, situando os livros no plano conceitual do livro-objeto. Na confecção desses livros, a ludicidade configura-se na sua feitura, exigindo também do leitor uma relação brincante com o objeto.

Vale demarcar que o projeto dos dois livros é idealizado e executado pelas próprias autoras, um manualmente e outro industrialmente. Destacamos ainda as curiosidades na vida dessas duas mulheres que se entrelaçam nesta escrita: uma sai do Rio Grande do Sul e vai para o Rio de Janeiro, buscando ampliar seu campo profissional; a outra sai do Rio de Janeiro para exercer o magistério no Rio Grande do Sul. Suas produções se cruzam em *Papo de papinho*, livro infantil de autoria de Glaucia de Souza e ilustração de Marília Pirillo, e que nasce de um projeto em parceria com a Petrobrás, de curta tiragem e, atualmente, reeditado pela Editora Rovel.

Vivendo da escrita, ambas procuram construir esteticamente livros-casas que as crianças-leitoras se instalam e fazem morada.

Referências

- BOJUNGA, L. **Livro**: um encontro com Lygia Bojunga. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- D'ANGELO, B. Entre materialidade e imaginário: atualidade do livro-objeto. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 33-44, 2012.
- DEBUS, E. S. D. **Festaria de brincança**: a leitura literária na educação infantil. São Paulo: Paulus, 2016.
- ECO, U. Sobre a literatura. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.



GÓES, L. P. **Olhar de descoberta**: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens. São Paulo: Paulinas, 2003.

GONZÁLES, I. M. Atrás do rasto da Balea: desdobrando universos ficcionais em língua galega. In: RAMOS, A. M. **Aproximação ao livro-objeto**: das potencialidades criativas às propostas de leitura. Porto: Tropelias & Companhia, 2017.

LINDEN, S. V. D. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951. Tomo 2.

MATTOS, M. S. de. Quem cochicha o rabo espicha, Quem embaralha se atrapalha, Quem espia se arrepia, mais que livros de imagem, livros-objeto. In: RAMOS, A. M. **Aproximação ao livro-objeto**: das potencialidades criativas às propostas de leitura. Porto: Tropelias & Companhia, 2017.

PAIVA, A. P. **Um livro pode ser tudo e nada**: especificidades da Linguagem do livro-brinquedo. 2013. 739 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PERROT, J. Os livros-vivos franceses: um novo paraíso cultural para nossos amiguinhos os leitores infantis. In: KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

PIRILLO, M. **Avoada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SOUZA, G. de. **Casa de papel**. Porto Alegre: GS, 2017.

Notas

¹ Ampliamos aqui os estudos de Roger Chartier (1996), que elenca como dispositivo a produção do texto e a produção do livro, ao trazer a ilustração como componente importante na feitura do livro infantil.

² Premiação criada em 1975 destinada aos melhores livros para crianças do ano, o que ao longo dos anos foi se ampliando e hoje são 18 categorias: Criança, Jovem, Imagem, Poesia, Informativo, Tradução Criança, Tradução Jovem, Tradução Informativo, Tradução Reconto, Projeto Editorial, Revelação Escritor, Revelação Ilustrador, Melhor Ilustração, Teatro, Livro Brinquedo, Teórico, Reconto e Literatura de Língua Portuguesa.

³ A FNLIJ tem como objetivo: "Valorizar a leitura e o livro de qualidade; - Divulgar a produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens e, em particular, os livros de literatura e informativos; - Contribuir para a formação leitora dos educadores, sejam professores, bibliotecários ou pais, quanto ao conhecimento das teorias e experiências sobre temas afins, tais como leitura, literatura e formação de bibliotecas; - Promover a tolerância, a solidariedade e a paz por meio da leitura partilhada; - Valorizar a biblioteca da escola e a pública como o lócus para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática da leitura". Informações disponíveis: <em: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: 6 maio 2014.

⁴ Entrevista realizada com Gláucia de Souza em abril de 2018.

⁵ Entrevista realizada com Gláucia de Souza em abril de 2018.





⁶ Entrevista realizada com Gláucia de Souza em abril de 2018.

⁷ Coletânea de vários poemas construídos a partir das imagens de origami que nunca foram publicados.

Artigo recebido em: 30/05/2018

Aprovado em: 22/10/2018

Contato para correspondência:

Eliane Santana Dias Debus.

E-mail: elianedebus@hotmail.com



contrapontos

